

MOTIVAÇÕES LINGUÍSTICAS E VARIAÇÃO: UM OLHAR SOBRE A POSIÇÃO DOS CLÍTICOS PRONOMINAIS EM JORNAIS DO FIM DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO SÉCULO XX¹

Caroline Carnielli BIAZOLLI²

Universidade Estadual Paulista ‘Júlio de Mesquita Filho’

carolbiazolli@yahoo.com.br

Resumo: A presente investigação verificou a posição dos clíticos pronominais, adjungidos a lexias verbais simples, presentes em textos do jornal paulistano *A Província de São Paulo* – que, com o advento da República, em 1890, passou a ser *O Estado de São Paulo* –, entre os anos de 1880 a 1920, um período pouco investigado do ponto de vista linguístico. Tendo como matriz das análises diversos textos jornalísticos, oriundos de naturezas diversas, foi possível o registro de dados referentes à norma-padrão e, ainda que em número bastante restrito, também, à norma não-padrão, quanto à colocação dos pronomes clíticos na época mencionada. Baseando-se nas premissas da Teoria da Variação e Mudança Linguística, investigaram-se quais variáveis independentes linguísticas e não-linguísticas motivaram, dentro da oração, as posições pré ou pós-verbal dos pronomes clíticos. Neste texto, são apresentados somente os resultados concernentes às primeiras variáveis, destacando-se os seguintes contextos: i) presença, ou ausência, de elemento proclisador na oração; ii) formas verbais, e, iii) verbo hospedeiro do pronome clítico em início, ou não-início, absoluto na oração.

Palavras-chave: clíticos pronominais; norma linguística; português paulista; variação e mudança linguística.

1 Introdução

Ainda que se possa encontrar um significativo número de trabalhos que abordem, sob diversas óticas, os clíticos pronominais, acredita-se na pertinência da continuidade de estudos de cunho teórico-explicativo e descritivo que retratem a posição desses pronomes em diversas orações, principalmente aqueles que se voltam à análise dos grupos de fatores que determinam a escolha de suas variantes³, uma vez que tais investigações podem contribuir de maneira expressiva ao que se conhece, até agora, sobre esses condicionamentos.

No quadro acima descrito, insere-se a pesquisa de Biazolli (2010), que, sob os pressupostos da Linguística Histórica e da Sociolinguística Variacionista, averiguou a posição dos clíticos pronominais, adjungidos a um único verbo ou a mais de um verbo, em orações presentes em textos jornalísticos produzidos nas cidades de São Paulo e de Rio Claro, no período entre os anos do fim do século XIX e início do século XX.

Faz-se, então, para este texto, um recorte que privilegia os resultados originários das análises dos pronomes clíticos adjuntos a lexias verbais simples, extraídos de textos presentes

¹ O conteúdo aqui explicitado está presente, junto a outros, em Biazolli (2010), dissertação de mestrado orientada pela Profª. Drª. Rosane de Andrade Berlinck, a quem dedico os meus sinceros agradecimentos, e financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) (Processo 08/51935-1).

² Doutoranda em Linguística e Língua Portuguesa pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Universidade Estadual Paulista ‘Júlio de Mesquita Filho’ – Faculdade de Ciências e Letras / Campus de Araraquara.

³ Sabe-se que, adjuntos a um único verbo, os pronomes átonos podem ocupar as posições proclítica, mesoclítica ou enclítica e, adjungidos a um complexo verbal, podem se alternar nas posições pré-complexo verbal (cl V1 V2), intra-complexo verbal (V1 cl V2) ou pós-complexo verbal (V1 V2 cl).

no jornal *A Província de São Paulo*, que, posteriormente, foi renomeado *O Estado de São Paulo*, ressaltando-se os fatores internos responsáveis pelas suas motivações, ora em posição pré-verbal, ora em posição pós-verbal.

No encaminhamento dos séculos XIX e XX, sabe-se que, no português brasileiro, concomitantemente, observava-se uma sintaxe que refletia características do português europeu, inclusive por ter havido certa busca, em vários âmbitos, pela identificação com o padrão lusitano, e usos linguísticos que faziam emergir uma sintaxe brasileira. A fim de que fossem registrados dados que pudessem revelar essa realidade, optou-se por uma pesquisa que considerasse, como fonte das análises, *jornais*.

Deve-se mencionar o fato de o jornal constituir um *suporte convencional* com muitos gêneros (MARCUSCHI, 2008), produzido para fixar os textos e assim torná-los acessíveis para fins comunicativos, cumprindo regularmente sua finalidade, ou, segundo Bonini (2003), um *hipergênero*, um gênero que abriga outros, preenchendo quesitos como propósitos comunicativos próprios, organização textual característica, embora ainda não conhecida em seus detalhes, e produtores e receptores definidos. Desse modo, diante da heterogeneidade de textos presentes no jornal, apontou-se a possibilidade de encontrar, nesse mesmo material, formas linguísticas conservadoras (neste caso, o uso da *ênclise*), já que seus textos podem sofrer interferências do contexto sócio-histórico e cultural ao qual está relacionado, e formas inovadoras (o uso da *próclise*), refletindo a dinamicidade da língua, em busca de criar certa identidade com o leitor, visando à sua própria sobrevivência.

Ainda, no que se refere ao fato dos dados terem sido retirados de jornais paulistanos, indicou-se que, já naquele momento, a cidade de São Paulo era um centro de desenvolvimento acelerado, com grande fluxo de pessoas, caracterizando-se, assim, também como relevante fonte de análise de dados linguísticos.

Após tecidas essas considerações iniciais, o referido texto, a partir daqui, estrutura-se, além de algumas palavras finais e a relação das obras citadas, em outras três seções, que, respectivamente, detalham o fenômeno linguístico aqui considerado – a posição dos clíticos pronominais –, a abordagem teórica adotada nesta discussão e os parâmetros de análise e descrição dos resultados.

2 Breve apresentação do fenômeno linguístico estudado

Considera-se que a alguns vocábulos gramaticais são atribuídos os termos *átonos* ou *clíticos*, uma vez que tais vocábulos apresentam função de morfema, figurando sem acento na frase. Segundo Câmara Jr. (1985, p. 39), “isto significa que na enunciação eles são incorporados a um vocábulo contíguo, como uma ou duas sílabas a mais desse vocábulo, ficando em próclise ou em ênclise.” Desse modo, conforme Matthews (1997, p. 56), define-se *clítico* como⁴

Um elemento gramatical tratado como uma palavra independente na sintaxe, mas formando uma unidade fonológica com a palavra que o precede ou o segue. Por exemplo, em grego antigo *tis* é um clítico em *nêsós tis* ‘uma (certa) ilha’: ele é flexionado de forma independente (neste caso como nominativo singular), mas acentuadamente ele forma uma unidade com a palavra ‘ilha’ (basicamente *nêsós*) que o precede.⁵

⁴ Nossa tradução.

⁵ “A grammatical element treated as an independent Word in syntax but forming a phonological unit with the Word that precedes or follows it. E.g. Ancient Greek *tis* is a clitic in *nêsós tis* ‘a (certain) island’: it is inflected independently (in this case as nominative singular) but accentually it forms a unit with the word for ‘island’ (basically *nêsós*) that precedes it” (MATTHEWS, 1997, p. 56).

Entende-se que ao lado das formas pronominais pessoais, definidas como retas e empregadas isoladamente ou como o sujeito de uma oração, caracterizando-se como formas tônicas e livres, colocam-se outras duas séries de formas, tidas como oblíquas. De acordo com Câmara Jr. (2004 [1970], p. 117),

Uma é adverbial, isto é, usada como forma dependente junto a um verbo, para expressar um complemento, que fonologicamente é uma partícula proclítica ou enclítica do verbo; respectivamente: *me, nos; te, vos; o, a*, ou *lhe; os, as*, ou *lhes*. Outra série oblíqua é a de partículas que funcionam sob a subordinação de uma preposição [...]. Fonologicamente, são partículas tônicas, cabendo em regra uma posição proclítica à preposição subordinante.

Estabeleceram-se, portanto, como variantes da variável dependente examinada neste estudo – a posição dos pronomes átonos, que são os clíticos pronominais – as posições **proclítica** (cf. exemplo 01) e **enclítica** (cf. exemplo 02), considerando-se, para as análises, os pronomes clíticos referentes à primeira, segunda e terceira pessoas do singular e do plural, não-reflexivos e reflexivos, e excededores de diferentes funções sintáticas.

01) *Assim promette na medida progressiva de suas forças auxiliar ao commercio, á lavoura, ás artes, industrias, sciencias; e literatura, tratando os assumptos que lhes digam respeito, e abrindo espaço a todos os talentos e aptidões que em suas paginas queiram apparecer.* (“A Província de São Paulo”, São Paulo, 1880)

02) *Recommenda-se tambem a Cerevisina para o tratamento do acne [...].* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1905)

3 Considerações sobre a Teoria da Variação e Mudança Linguística

Adotou-se, neste trabalho, “em função de ser teoricamente coerente e metodologicamente eficaz para a descrição da língua” (MOLLICA, 2004, p. 14), a Teoria da Variação e Mudança Linguística, proposta por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) e Labov (1982, 1994, 2001, 2008[1972]).

Os referidos autores, a partir de investigações empíricas, propõem que as variações – condições essenciais para que se deem as mudanças –, no interior das línguas, são motivadas por aspectos linguísticos e outros externos. Segundo Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p.36),

A chave para uma concepção racional da mudança lingüística – e mais, da própria língua – é a possibilidade de descrever a diferenciação ordenada numa língua que serve a uma comunidade. [...] Um dos corolários de nossa abordagem é que numa língua que serve a uma comunidade complexa (i.e., real), a *ausência* de heterogeneidade estruturada é que seria disfuncional.

Em relação às mudanças, tem-se que qualquer parte da língua pode mudar, desde aspectos fonéticos até aspectos de sua organização semântica e pragmática. Podem ocorrer isoladas, mas também podem estar inter-relacionadas. Mesmo que os falantes não as percebam, as mudanças sempre estão ocorrendo. Às vezes, podem se dar de forma discreta, abrupta – uma mudança simultânea de gramática por parte de um grande número de falantes, apesar da improbabilidade desse acontecimento –, mas a maioria das investigações mostra que se dão de forma lenta e gradual. Isso porque, além de ter que se garantir a intercomunicação permanente dos falantes,

Pode-se considerar que o processo de variação lingüística se desenrola em três etapas. Na origem, a mudança se reduz a uma variação, entre milhares de outras, no discurso de algumas pessoas. Depois ela se *propaga* e passa a ser adotada por tantos falantes que doravante se opõe frontalmente à antiga forma. Por fim, ela se *realiza* e alcança a regularidade pela eliminação das formas rivais (LABOV apud CALVET, 2002, p. 87).

Cabe ainda mencionar que, embora seja uma das características da mudança a sua regularidade, esta se apresenta relativizada. Os processos de mudança são complexos, não sendo, em alguns casos, uniforme a sua difusão, tanto no interior da língua quanto entre os diversos grupos de falantes.

Embora inicialmente grande parte dos estudos variacionistas tenha abordado apenas os sons da língua – isso se deve às próprias características das variações no nível fonético, que são, usualmente, mais frequentes que fenômenos de natureza sintática ou morfológica e que não envolvem relações de significado lexical ou gramatical –, para que a Teoria da Variação e Mudança Linguísticas contribua ao estudo da língua em seu contexto social, assim como esclarece Labov (2008 [1972]), todos os tipos de variação, nos níveis fonético-fonológico, morfológico, sintático, semântico, lexical e pragmático da língua, merecem atenção e devem ser investigados.

Desse modo, em Biazolli (2010), defendeu-se a diversidade das línguas como sistemática e natural e a correlação inseparável entre língua e contexto social, considerando-se, também, todo um conjunto de atitudes e sentimentos de determinada comunidade linguística para com a sua língua.

Convém destacar, entretanto, que, em função dos propósitos desta apresentação, só serão explicitados e discutidos os resultados oriundos das análises dos fatores condicionantes linguísticos que motivaram a realização de determinada variante – pronome proclítico ou pronome enclítico –, como descrito a seguir.

4 Análise e discussão dos resultados

Nesta seção, discorre-se, inicialmente e de modo sucinto, a respeito da constituição do *corpus* escolhido como matriz das análises, destacando-se os elementos condicionadores linguísticos considerados; e, em seguida, os principais resultados obtidos, a partir da observação dos três grupos de fatores selecionados como os mais significativos.

4.1 Parâmetros de análise dos dados

Os exemplares dos dias 04/01/1880, 06/01/1885 – do jornal *A Província de São Paulo* –, 08/01/1890, 03/01/1895, 08/01/1900, 18/01/1905, 03/01/1910, 02/01/1915 e 02/01/1920 – do jornal *O Estado de São Paulo* – foram examinados minuciosamente, registrando-se, de acordo com o avanço dos anos, modificações em suas estruturas e funções comunicativas, refletindo-se, de forma justificável, também, na aparição de outros gêneros textuais, não identificados nos primeiros exemplares estudados.

Para a constituição desse *corpus*, cabe citar, enfrentaram-se situações longe da ideal, como exemplares, microfilmados, em péssimo estado de leitura. Contudo, evidencia-se,

através da “arte de fazer o melhor uso de maus dados” (MATTOS & SILVA, 2009, p. 7)⁶, a riqueza para este trabalho, sob muitos aspectos, das informações obtidas.

Na sequência, arrolam-se, em ordem decrescente, as variáveis independentes linguísticas apontadas pelo tratamento estatístico realizado pelo programa GOLDFARB (ROBINSON; LAWRENCE; TAGLIAMONTE, 2001) como as que atuaram de forma mais relevante sobre a posição dos pronomes clíticos na oração.

- *Presença, ou ausência, de elemento proclisador na oração;*
- *Formas verbais:* presente, pretéritos e futuros do Indicativo, presente, pretérito e futuro do Subjuntivo, Imperativos e Formas Nominais;
- *Verbo hospedeiro do pronome clítico em início, ou não-início, absoluto na oração;*
- *Função do clítico:* acusativo, dativo, dativo ético, dativo de posse, predicativo, apassivação, indeterminação e inerência/reflexividade;
- *Tipo de verbo, do ponto de vista lógico-semântico:* ação, processo, ação-processo e estado, e,
- *Tipo de clítico:* me, te, o(s)/a(s) e formas variantes, lhe(s), se, nos e vos.

4.2 Resultados

No início, foram registradas 495 ocorrências dos pronomes clíticos. No entanto, devido ao fato das primeiras rodadas terem apresentado *knockouts* – que, no decorrer desta apresentação, quando necessário, serão comentados –, foi considerado para as análises um total de 441 pronomes, divididos em 137 em posição proclítica e 304 em posição enclítica, como demonstrado, a partir dos percentuais, no gráfico abaixo.

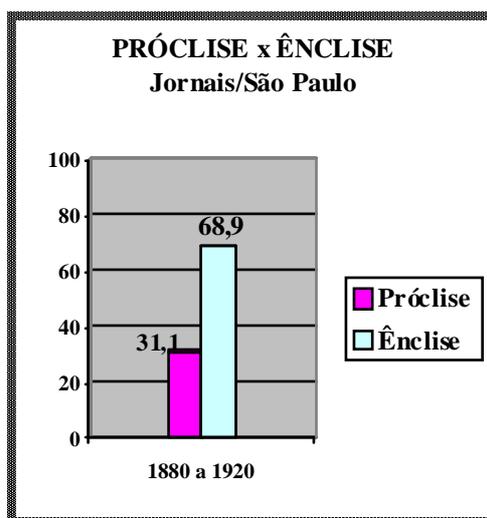


Gráfico 01 – Distribuição geral das ocorrências de próclise e ênclise

⁶ “[...] art of making the best use of bad data” (LABOV, 1994, p. 11).

Nas próximas subseções, descrevem-se os resultados referentes às três primeiras variáveis independentes linguísticas selecionadas como as mais significativas para a motivação de determinada posição dos clíticos pronominais.

4.2.1 *Presença, ou ausência, de elemento proclisador na oração*

A variável *presença/ausência de atrator* se mostrou, como previsto, um relevante controlador da ordem dos clíticos pronominais, selecionada como o grupo de fatores mais significativo para a motivação da colocação pronominal.

O comportamento dos clíticos variou, consideravelmente, segundo a existência, na oração, de um elemento proclisador. Quando não presente, o uso do pronome enclítico, no maior número dos casos, foi a opção escolhida, revelando, assim, maior obediência à norma-padrão vigente naquela época.

A tabela a seguir apresenta os resultados, segundo os números de ocorrências, percentuais e pesos relativos dos pronomes em ambas as posições, proclítica e enclítica.

Tabela 01 – Número de ocorrências, percentuais e pesos relativos dos pronomes clíticos em lexias verbais simples, de acordo com a presença, ou ausência, de elemento proclisador na oração

	<i>Próclise</i>			<i>Ênclise</i>			Total	
	N	%	PR	N	%	PR	N	%
Presença	124	67.8	0.816	59	32.2	0.184	183	41.5
Ausência	13	5	0.258	245	95	0.742	258	58.5
<i>Total</i>	137	31.1		304	68.9		441	

Fonte: Adaptação de Biazolli (2010)

No entanto, ressaltou-se o fato de terem aparecido casos em que se optou pelo uso do pronome enclítico, mesmo com a presença do elemento proclisador – como visto nos exemplos de 03 a 07, em que o elemento atrator do pronome clítico aparece sublinhado.

03) [...] conta a *Provincia de São Paulo* fazer da sua independencia o apanagio de sua força e a medida da severa moderação, sisudez, franqueza, lealdade e criterio em que fundará o salutar prestígio a que *destina-se* a imprensa livre e consciente. (“A Província de São Paulo”, São Paulo, 1880)

04) Em nosso paiz aonde a imprensa é tão cara e o jornal difficil de *sustentar-se*, ha um erro que acanha a existencia das folhas politicas [...]. (“A Província de São Paulo”, São Paulo, 1880)

05) No caso de não *terminar-se* o leilão, continuará no dia immediato ás 10 ½ pa manhã. (“A Província de São Paulo”, São Paulo, 1885)

06) *Vende-se* ou *arrecada-se* uma grande chácara, contendo diversas casas [...]. (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1905)

07) E’ grande pechincha pois *vende-se* por pouco mais de um conto de réis tudo [...]. (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1910)

Deve-se lembrar que, na história do português, sempre houve a obrigatoriedade, prescrita nos compêndios gramaticais, de se utilizar a próclise em contextos com uma série de elementos – partículas negativas, pronomes indefinidos, interrogativos e relativos, conjunções subordinativas e coordenativas, advérbios, preposições e orações optativas –, que ficaram assim nomeados *operadores de próclise*. Segundo Cavalcante, Duarte e Pagotto (no prelo),

casos com ênclise, mesmo na presença de operador de próclise na oração, merecem uma reflexão mais cuidadosa. Para eles,

Uma primeira impressão é a de que seriam fruto de hipercorreção, ou seja, uma tentativa de chegar à gramática alvo, cujo funcionamento estilístico, no período, apontaria para a ênclise. Aqui é preciso não incorrer em raciocínios anacrônicos, pois estamos lidando com padrões de funcionamento que, no Brasil, sofreram grande variação e, especialmente ao final do século XIX, foram objeto de elaboração por parte de gramáticos que tentaram “pôr ordem na casa”, a partir do funcionamento que emergia nos textos (CAVALCANTE, DUARTE e PAGOTTO, no prelo).

Os autores ainda acrescentam:

No caso de falantes produtores de textos escritos sem maiores pretensões literárias, é de imaginar que a disseminação da ênclise nos contextos de operador de próclise entre textos impressos em geral (aliada, obviamente à ausência da sensibilidade sintática à atuação dos fatores sintáticos de próclise, ausentes na gramática internalizada) funcionasse como um modelo abonador, em confronto com os limites impostos pelas regras sintáticas do português europeu moderno (CAVALCANTE, DUARTE e PAGOTTO, no prelo).

Uma vez que a ênclise era tida, e por uma maioria ainda hoje é conservada, como a posição normal dos pronomes átonos, inclusive quando o sujeito viesse imediatamente antes do verbo, em orações afirmativas, evidenciou-se, também, uso proclítico em contextos em que não havia a presença do elemento proclisador (cf. exemplos 08, 09 e 10).

08) *A alternativa, no entanto, se dissipa logo no contexto irrefragável do livro [...].* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1910)

09) *Semelhantemente, Carlo Giussui, [...], nos adverte na pág. 285 de seu estudo monumental: [...].* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1910)

10) *O sabonete Rifger, conhecido há mais de 10 anos,, se impõe como o melhor para o banho [...].* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1915)

Desse modo, puderam-se apontar inovações referentes à norma-padrão vigente naquela época e que vigora até os dias atuais.

A correlação entre esta variável – *presença/ausência de atrator* – e a variável *início (ou não-início) absoluto da oração pelo verbo hospedeiro do clítico* foi relevante. Os dois fatores interagiram. Naturalmente, os dados que apresentavam presença de atrator se relacionaram com o não-início da oração. Nesse contexto, verificaram-se os índices de próclise em 73%. Nas orações em que havia a ausência do elemento proclisador, os dados puderam aparecer em início, ou não-início, absoluto, como mostrado no gráfico 02, abaixo, em relação aos usos de próclise.

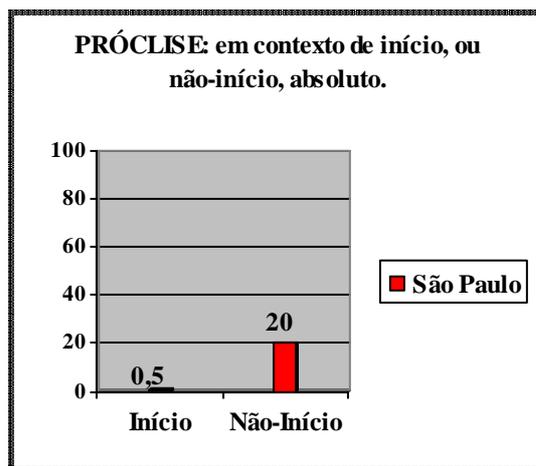


Gráfico 02 – Frequências de próclise em contextos do verbo hospedeiro do pronome clítico em início, ou não-início, absoluto na oração

Observou-se que o contexto de início absoluto inibiu fortemente a posição pré-verbal, embora não a tenha impedido. Por outro lado, em contexto de não-início, mesmo sem a presença de algum elemento proclisador, mostrou-se um considerável índice do uso da próclise.

4.2.2 Formas verbais

As análises multidimensionais dos dados provenientes da capital paulista indicaram a variável linguística *formas verbais* como a segunda mais relevante para a motivação da colocação pronominal.

Os resultados, em números absolutos, percentuais e pesos relativos, são apresentados a seguir.

Tabela 02⁷ – Número de ocorrências, percentuais e pesos relativos dos pronomes clíticos em lexias verbais simples, de acordo com as formas verbais

Formas Verbais	Próclise			Ênclise			Total	
	N	%	PR	N	%	PR	N	%
Pretérito Imperfeito do Indicativo	14	87.5	0.999	2	12.5	0.001	16	3.6
Pretérito Perfeito do Indicativo	31	47.7	0.589	34	52.3	0.411	65	14.7
Presente do Indicativo	76	28.3	0.530	193	71.7	0.470	269	61
Gerúndio	3	7	0.204	40	93	0.796	43	9.8
Infinitivo	13	27.1	0.109	35	72.9	0.891	48	10.9
<i>Total</i>	137	31.1		304	68.9		441	

Fonte: Adaptação de Biazolli (2010)

Os dados pertencentes aos jornais paulistanos considerados na referida rodada foram constituídos apenas de verbos do *modo Indicativo*, tempos *presente*, *pretérito perfeito* e

⁷ Nenhum registro de clíticos adjungidos a verbos no Futuro do Pretérito do Indicativo, no Imperativo Negativo e no Particípio foi encontrado.

pretérito imperfeito e *Formas Nominais – infinitivo e gerúndio*. Os resultados, quanto aos verbos do *modo Indicativo*, revelaram usos equilibrados de ambas as posições – proclítica e enclítica –, exceto para o tempo *pretérito imperfeito*, marcado por um índice elevadíssimo de significância, 0.999, para a ocorrência da próclise – como nos exemplos 11 a 13, em seguida. Quanto às *Formas Nominais*, mostraram-se motivadoras, principalmente o *infinitivo*, para o uso do pronome em posição pós-verbal – exemplos 14 e 15.

11) *Ha dias reclamastes, com razão, contra um máu cheiro horrível, que se sentia então, ao subir a ladeira da rua Florencio de Abreu [...].* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo)

12) *A sua chegada a Poços esteve importantissima. Cerca de duas mil pessoas o aguardavam [...].* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1905)

13) *Telegrammas de Amsterdam annunciam que uma chalupa desembarcou em Muiden o capitão inglez Hewlet, que pilotava um hydroplano inglez, no ultimo raid feito a Cuxhaven, e cujo destino se ignorava.* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1915)

14) *Em nosso paiz aonde a imprensa é tão cara e o jornal difficil de sustentar-se, ha um erro que acanha a existencia das folhas politicas [...].* (“A Província de São Paulo”, São Paulo, 1880)

15) [...] *encarregam esse diplomata de felicitar o papa Benedicto XV por motivo da sua ascensão ao throno pontificio e expôr-lhe os motivos que obrigaram o governo de sua magestade britannica a intervir na guerra actual.* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1915)

Convém ressaltar, ainda, que, na primeira rodada, dados referentes aos tempos *presente, pretérito* e *futuro do Subjuntivo, futuro do presente do Indicativo* e *Imperativo Afirmativo* foram registrados. Os clíticos adjungidos a verbos nos tempos do *modo Subjuntivo* ocorreram em posição pré-verbal, de forma absoluta, como o esperado, uma vez que apresentam natureza subordinativa, ocorrendo, também, em orações que exigem conjunções e palavras QU, típicos atratores. Foram coletados 15 dados referentes ao *presente do Subjuntivo* (cf. exemplo 16), 6 ao *pretérito do Subjuntivo* (cf. exemplo 17) e 4 concernentes ao *futuro do Subjuntivo* (cf. exemplo 18).

16) *Assim promette na medida progressiva de suas forças auxiliar ao commercio, á lavoura, ás artes, industrias, sciencias; e literatura, tratando os assumptos que lhes digam respeito, e abrindo espaço a todos os talentos e aptidões que em suas paginas queiram apparecer.* (“A Província de São Paulo”, São Paulo, 1880)

17) *A Cidade reclama contra o facto de ter sido sepultado o corpo de Joaquim da Silva, sem que se fizessem as averiguações legaes para se saber se Joaquim Pio se suicidou ou se foi victima de um crime.* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1895)

18) *Quando, como agora, nos convencermos de que a Directoria errou, dil-o-emos com a maior franqueza [...].* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1900)

Quanto ao *futuro do presente do Indicativo*, observou-se, a partir de 8 dados (exemplos de 19 a 21, abaixo), o uso quase categórico da próclise, podendo-se – ainda que em 7 dos dados coletados houvesse a presença de algum elemento proclisador – interpretá-lo como uma solução para a tendência de se evitar a mesóclise. O fato de se escolher a próclise, e não a ênclise, ainda revelou e confirmou a opção do português brasileiro pelo pronome proclítico.

19) *E' justo não descrever e é bom não desanimar; presumimos, porém, que sem grande esforço, sem tenaz propaganda, pouco se conseguirá.* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1890)

20) [...] *portanto continua o segredo de que nos ocuparemos no proximo numero.* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1890)

21) [...] *pareceu-me que não **lhe será** muito desagradavel esta minha carta que tem por fim, posto que com franco contingente, auxilial-o no desempenho de sua louvavel missão.* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1900)

A posição enclítica, por outro lado, foi claramente definida como a posição preferida quando o clítico estava adjunto a um verbo no *Imperativo Afirmativo*, notando-se essa realização nos 14 dados encontrados – alguns são apresentados na sequência. Observou-se que o contexto de verbo hospedeiro do pronome clítico em início absoluto na oração ocorreu em todos esses dados.

22) *ALUGA-SE com arrendamento uma grande chácara [...]. Quem pretender **dirija-se** á rua da Esperança, 66 [...].* (“A Província de São Paulo”, São Paulo, 1880)

23) *Ao lerdes esse livro deveis pensar e procurar compreender, não o fazendo com a precipitação com que se lê um romance. A meditação é sempre proveitosa. **Experimentae-o.*** (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1910)

24) *Para evitar engano, **exija-se** que os letreiros tenham a palavra OMAGIL e o endereço do Deposito geral [...].* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1920)

4.2.3 Verbo hospedeiro do pronome clítico em início, ou não-início, absoluto na oração

Outra importante variável independente linguística, decisiva para o comportamento dos clíticos pronominais, visto que foi selecionada como a terceira mais relevante, foi a *posição, inicial ou não, do verbo* ao qual o pronome estava adjungido na oração.

Em início absoluto, verificou-se a realização quase categórica do pronome enclítico, assim como é prescrito nos estudos normativos; e, em não-início absoluto, observou-se a possível alternância entre próclise e ênclise, 56.4% e 43.6%, respectivamente, conforme indicado na tabela a seguir. Quanto ao peso relativo, em relação a não-início absoluto, mostrou-se a significativa tendência ao uso da próclise.

Tabela 03 – Número de ocorrências, percentuais e pesos relativos dos pronomes clíticos em lexias verbais simples, de acordo com o verbo hospedeiro do pronome clítico em início, ou não-início, absoluto na oração

	Próclise			Ênclise			Total	
	N	%	PR	N	%	PR	N	%
Não-início	136	56.4	0.952	105	43.6	0.048	241	54.6
Início	1	0.5	0.027	199	99.5	0.973	200	45.4
<i>Total</i>	137	31.1		304	68.9		441	

Fonte: Adaptação de Biazolli (2010)

Quanto a esta variável, ainda se destacou o aparecimento, embora em número muito restrito, apenas um dado, do pronome proclítico em início absoluto na oração, como exemplificado abaixo.

25) *Quer louvando, quer censurando, se esforçará sempre a Província de S. Paulo por ser justa: é este um dever que ella se impôs em virtude de suas condições de folha diaria [...].* (“A Província de São Paulo”, São Paulo, 1880)

Tal comportamento, transgredindo os preceitos impostos pelas instituições normativas, apontou, como já sabido, um caráter relevante, e inovador, da realidade linguística do português brasileiro: o uso da próclise em primeira posição na oração, produto de uma norma linguística brasileira.

5 Conclusões

A referida apresentação pretendeu explicitar os resultados obtidos através da observação das variáveis independentes linguísticas destacadas como as mais significantes para a escolha de determinada posição ocupada pelo clítico pronominal, objetivando-se colaborar com a descrição do português brasileiro e a construção da história interna da variedade paulista, além de contribuir com outros estudos que abordam a mesma temática.

Os dados puderam revelar, ainda que somente por um número restrito de traços inovadores perante o conservadorismo da norma-padrão, uma das características de qualquer língua, a de que é ilimitadamente heterogênea, apresentando um conjunto de normas linguísticas e o inevitável contato entre essas muitas normas, distintas segundo aspectos sociais, culturais e ideológicos e, também, questões referentes às situações comunicativas. Desse modo, ainda que se tenha assegurado, por parte das elites brasileiras, principalmente na segunda metade do século XIX, a criação de um projeto político que visava à construção de uma nação que se aproximasse, ao máximo, das realidades vivenciadas nos países europeus, estendendo-se, também, essa obsessão à língua materna, buscando-se uma identidade linguística além-mar, observou-se, já naquela época, através dos usos dos falantes, características próprias do português brasileiro.

Outro ponto a ser destacado, por fim, é a relevância do uso de textos jornalísticos como fonte de dados para o estudo de processos de variação e mudança linguística, confirmando-se, como exposto neste estudo, a sua riqueza para que seja observada a mútua ligação entre o que “se deve dizer”, resultado da norma linguística prescritiva, a de prestígio, e o que “é dito”, produto da(s) norma(s) objetiva(s), intrínsecas aos falantes.

6 Referências

- BIAZOLLI, C. C. **Clíticos pronominais no português de São Paulo: 1880 a 1920** – uma análise sócio-histórico-linguística. 2010. 230 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2010.
- BONINI, A. Os gêneros do jornal: o que aponta a literatura da área de comunicação no Brasil? **Revista Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, SC, v. 4, n. 1, p. 205-231, 2003. Disponível em: < <http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0401/00.htm> > Acesso em: 13 jan. 2008.
- CALVET, L.-J. **Sociolingüística: uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola, 2002.
- CÂMARA Jr., J. M. **Estrutura da língua portuguesa**. 36 ed. Petrópolis: Vozes, 2004 [1970].
- _____. **Dicionário de Linguística e Gramática**. 12 ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

- CAVALCANTE, S. R. de O.; DUARTE, M. E. L.; PAGOTTO, E. G. **Clíticos no século 19: uma questão de posição social?** (no prelo).
- LABOV, W. **Padrões sociolingüísticos**. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].
- _____. **Principles of Linguistic Change**. Vol. 2: Social factors. Cambridge: Blackwell, 2001.
- _____. **Principles of Linguistic Change**. Vol. 1: Internal factors. Cambridge: Blackwell, 1994.
- _____. Building on Empirical Foundations. In: LEHMANN, W.; MALKIEL, Y. (org.). **Perspectives on Historical Linguistics**. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1982.
- MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.
- MATTHEWS, P. H. **Oxford Concise Dictionary of Linguistics**. Oxford: Oxford University Press, 1997.
- MATTOS & SILVA, R. V. **Caminhos da Linguística Histórica - ouvir o inaudível**. São Paulo: Parábola, 2009.
- MOLLICA, M. C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, M. C; BRAGA, M. L. (org.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2004. p. 9-14.
- ROBINSON, J.; LAWRENCE, H.; TAGLIAMONTE, S. **Goldvarb 2001**. A multivariate analysis application for Windows. Outubro de 2001. Disponível em: <<http://courses.essex.ac.uk/lg/lg654/GoldVarb2001forPCmanual.htm>>. Acesso em: 13 maio. 2009.
- WEINREICH, V.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística**. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].